



“Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo”: uma breve análise sobre o programa paulino de Reino de Deus.

Juliana B.Cavalcanti¹
(PPGHC/UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/6770181406770057>

Resumo: O presente artigo visa à luz do conceito de patronagem (Wallace- Hadrill) refletir sobre o projeto paulino de Reino de Deus, que a níveis ideológicos se apresentava igualitário e contrário ao Império Romano. Porém, quando nos voltamos para a organização da comunidade coríntia o que se verifica é uma sociedade hierarquizada a partir dos dons do Espírito. Hierarquia esta que nos volta à reflexão de quão distante esta a sociedade alternativa – alternativa quanto a sua postura contrária ao Império Romano – paulina para a sociedade romana. Neste sentido, analisaremos mais especificamente a perícopes 1Cor 12:27-31. Esta passagem possibilita evocar todas estas questões e ainda nos conduzir ao debate sobre as tensões existentes na comunidade.

Palavras-chaves: Reino de Deus, patronagem, Paulo, Coríntios, Império Romano

Abstract: This article aims to light the concept of patronage (Wallace-Hadrill) reflect on the project of Pauline Kingdom of God, which is the ideological levels showed equal and opposite to the Roman Empire. But when we turn to the organization of the Corinthian community is that there is a hierarchical society from the gifts of the Spirit. This hierarchy that we turn to reflection of how far this alternative society - as an alternative to his stance against the Roman Empire - Pauline for Roman society. In this sense, we analyze more specifically the fragment 1Cor 12:27-31. This passage allows evoke all these issues and still lead us to the debate about the tensions in the community.

Keywords: Kingdom of God, patronage, Paul, Corinthians, Roman Empire.

¹ Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (UFRJ), tendo sido aprovada em primeiro lugar no processo seletivo de 2014. Atua nas áreas de Arqueologia e História. Com ênfase em História Antiga, mais especificamente em judaísmo helenístico e paleocristianismo.

I – Introdução:

No século I EC o que se encontra na comunidade coríntia são dois distintos projetos de reinos que a níveis ideológicos rivalizavam-se entre si. Mas que quando se pensa em aplicabilidade a diferença entre eles já não se verifica. Falamos dos projetos romano e paulino. O projeto de Reino de Deus de Paulo tal como foi proposto na primeira epístola aos coríntios se apresenta como uma sociedade de iguais, ou como diria Paulo uma comunidade de “santos”, sendo diretamente opostos ao “mundo” (Império Romano). Neste modelo a profissão de fé – como veremos mais a frente – era fé expressa na aliança, na não violência, na justiça e na paz.

O projeto romano ou imperial, por sua vez. Detinha uma lógica que previa uma sociedade altamente hierarquizada, onde o topo desta pirâmide social estava o imperador e sua família. Inclusive, os indivíduos para gozarem das benesses providas do império deveriam estar permeados nestas estruturas. As componentes desta fé eram: a piedade, a guerra, a vitória e a paz.

A análise comparativa entre os modelos será norteado pela perícopes 1Cor 12:27-31:

27. Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. 28. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores ... Vêm, a seguir, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas. 29. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos realizam milagres? 30. Todos têm o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam? 31. Aspirai aos dons mais altos. Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos.

A opção por esta perícopes se dá pelo fato de que neste fragmento Paulo rompe com a lógica de uma sociedade igualitária, ao defender que nem todos desempenham a mesma função e que para alguns haveria maior ou menor proeminência do indivíduo no interior destas casas-igrejas, dependendo de qual papel este ocupasse (apóstolo, profeta, curandeiro, entre outros). E mais do que isto, o elemento fomentador de tal hierarquia era o Espírito. O mesmo Espírito que é empregado em outros momentos da primeira epístola aos coríntios como elemento que unia e igualava os membros da mesma.

Neste sentido, o presente artigo, buscará primeiramente elucidar brevemente o *euangelion* (boa nova) romano e o paulino enquanto propostas. Por conseguinte, analisaremos estes projetos a níveis práticos, à luz do conceito de patronagem. Observando assim, se estes modelos que se apresentavam como antagônicos eram de fatos tão distintos assim.

II – Patronagem, uma possível leitura:

Antes de adentrarmos ao tema proposto neste artigo, se faz necessária a definição do conceito norteador para a leitura comparativa entre os projetos teológicos paulino e romano. Fala-se no conceito de patronagem.

Wallace-Hadrill (1989), demonstra que o sistema de patronagem era essencialmente político, ocorrendo em todos os níveis de relações: vertical e horizontal. Ou seja, era um sistema desigual de trocas de serviços e favores entre indivíduos do mesmo nível social e jurídico (como entre os senadores) ou de estamentos distintos (um escravo e seu senhor e/ou um proprietário de terras e homem livre pobre). A relação de troca sempre era desigual, pois o patrono sempre estava em uma condição superior ao seu cliente, por oferecer proteção e benefícios, este último por sua vez sempre estava abaixo por dever respeito e favores ao seu patrono. Esta relação garantia o acesso ao *status* e ao prestígio.

A patronagem era amplamente empregada no Império Romano, sendo este o fator de garantia da coesão da sociedade e preservando a autoridade ao imperador, como o grande protetor e benfeitor do império. Império este em que o corpo administrativo tinha um poder limitado (por conta até mesmo de seu tamanho) e com uma autoridade dispersa, contribuindo para amenizar os possíveis conflitos oriundos destas divisões e desigualdades.²

Na cidade de Corinto, a patronagem também enquadrava as relações entre os indivíduos da mesma. Para além do fato de integrar a colônia ao restante do império, também possibilitava que as benesses de Roma chegassem a Corinto. Benesses estas não só provindas diretamente do patrono maior (o imperador), mas também, das autoridades locais que ansiavam estabelecer relações com Roma. O que acabava por ampliar os potenciais de força e poder destas autoridades. Além disto, este mesmo sistema ainda orientava todas as relações sociais: vertical e horizontal vigentes na colônia. A comunidade cristã de Corinto também estava imersa nestas relações como verificaremos nas cartas paulinas (como por exemplo: 1Cor 1:12-13).

III – O *euangelion* romano, o *divi filius* está entre nós:

Crossan e Reed (2007) nos falam sobre o projeto teológico imperial iniciado por Augusto. Este projeto tinha como fim a legitimação e propagação do

² É válido recordar que esta era uma relação de interesses mútuos e que havia outras formas de obtenção de direitos. Em que indivíduos pobres do meio rural ou das periferias urbanas se valiam do banditismo ou formavam relações entre seus próprios familiares, o que implicava grandes arranjos familiares. Porém, por serem estruturas frágeis e não patrocinadas pelo Império acabavam por quase sempre terem pouco impacto nesta sociedade. Ver: WOOLF; GARNSEY, 1989: 153-170.

*euangelion*³ (boa nova) por parte do Império a todo o seu território, tendo como principais objetivos a restauração, a expansão e a consolidação de um vasto território por vias religiosas. O culto imperial empreendia também o culto ao imperador e de sua família. Dado que, a centralização e as benesses proporcionadas pelo império eram lidas antes de tudo como fruto da presença na terra e dos atos do *divus* Cesar Augusto.

Neste sentido, o ápice da teogonia romana era a existência de um Deus na terra; o salvador cósmico e senhor do tempo. À medida que, suas conquistas militares e as justificativas astrológicas (por exemplo: o fato de ser filho de Apolo e filho adotivo de Júlio César que teria também se tornado um Deus ou ainda cunhagens com símbolo de seu signo depois de ter tornado público o seu horóscopo) eram a prova real de que Roma entrava em sua Idade Áurea. Idade esta que representava um período de paz política, por intermédio das guerras, e de distribuição das benesses alcançadas por intermédio desta fase que o Império teria conquistado.

As benesses provinham em resposta à lealdade por parte de todos, que pertenciam ao império, ao imperador: o patrono máximo. A lealdade era evidenciada por intermédio dos cultos ao imperador e ao próprio império. Sendo a forma de honrar e adorar diversificadas, dado que a postura imperial era sempre agregacionista (incorporava tradições e Deuses regionais). Isto fazia com que a participação de cidadãos pobres se tornasse quase irresistível, por intermédio, da celebração de festivais, jogos e sacrifícios a César.

Sahlins (1985) neste sentido nos relembra que os sentidos e as organizações de projetos e objetos estão interligados as compreensões preexistentes da ordem cultural. Assim, a teologia imperialista atuava de forma sempre agregadora e intensificadora de seu poder a todos os indivíduos que pertenciam àquela sociedade, já que ela estava diretamente dialogando com suas lógicas culturais próprias. Em outras palavras, para além de potencializar as vias de se garantir a lealdade ao imperador e a estabilidade ao império, uma vez que o sistema de dominação era sempre ressignificado (CROSSAN; REED: 2007:137).

Chevitarese e Cornelli (2003) afirmam também que neste sentido, que a necessidade do império em apresentar uma teologia e nestes moldes; está calcada no fato de que a assimilação do controle imperial por parte dos povos dominados era muito mais consistente. Uma vez que, estes povos não só dialogavam com o ambiente em que estavam inseridos, porém que acabavam por produzir

³ A opção por ser usar a transliteração do termo em grego é apenas para se evitar qualquer possível alusão com os livros canônicos e não canônicos denominados evangelhos.

transformações no próprio império. Ou seja, os cultos imperiais e ao imperador não eram meras reproduções, mas transformações locais que possibilitavam o desenvolvimento de diferentes culturas.

Alcook (1993) ao pensar o projeto de romanização no contexto das benesses, afirma que o ato de se criar colônias e promover o *euergetismo* era a garantia da paz (*pax romana*) e estabilidade a todos que compunham o vasto território do império por intermédio das guerras e defesa do território, garantindo ainda a lealdade do povo ao poder central. Além disto, estes dois mecanismos do projeto de romanização permitiam a distribuição dos recursos locais e regionais.

O *euangelion* imperial detinha, todavia, mais um elemento de caráter expressamente pedagógico: o imagético. Por todo o império haviam monumentos espalhados dedicados ao imperador e a sua família. Em Corinto, Pausânias (Descrição da Grécia 3:1) descreve que em toda a ágora era presente monumentos neste estilo, bem como o templo de culto imperial (a sul do pórtico) e a basílica destinados à prestação de cultos à família imperial (a sudoeste do pórtico).

Murphy-O'Connor (2002), analisa esta constante presença destes elementos, como símbolos não só da dominação romana, mas também, representavam por quais vias se faziam a dominação e como a sociedade deveria se organizar. Isto é, por intermédio do reconhecimento e do culto ao imperador a pirâmide social era estruturada e perpetuada.

Desta forma, a teologia imperial previa uma hierarquização social e uma interligação entre todos os povos e regiões que constituíam o vasto Império Romano. Todos os estamentos sociais deveriam honrar e reconhecer a autoridade do imperador (ou patrono máximo), por ser este o grande mediador das benções a *orbis terrarum*. Assim, era uma teologia marcadamente desigual, apesar de se propor sempre compartilhadora das conquistas romanas aos seus súditos (ou clientes). Porém, até mesmo esta partilha era desigual, visto que, as elites locais eram sempre as primeiras a receberem os benefícios do reconhecimento da autoridade do patrono máximo.

IV – A sociedade alternativa e o *euangelion* anti-imperialista:

No tópico anterior apresentamos a teologia imperial e suas implicações para que a paz e os benefícios aos clientes do imperador se tornassem possível. Neste momento, preocupa-nos apresentar um modelo teológico em termos ideológicos totalmente antagônico ao projeto imperial. Falamos do projeto de Reino de Deus defendido e explicitado por Paulo na primeira epístola aos coríntios.

A teogonia paulina culminava com o seu patrono Jesus Cristo. Aquele que sendo filho de Deus teria sido cruxificado sob o domínio romano. No entanto, ela não é vista como um ato vergonhoso, ou como a subjulgação de Jesus ao império, por isto mesmo a importância da ressurreição em toda teologia paulina. É no ato de reviver que, para Paulo, Cristo teria evidenciado o seu lado divino e a certeza de que ele era o verdadeiro patrono máximo (ELLIOTT:2011:169).

O projeto de Reino de Deus, tinha como principal pilar de sustentação a defesa de uma sociedade igualitária. Sociedade esta em que se alcançaria por intermédio da subordinação de todos ao patrono máximo: Jesus Cristo. Tratando-se de uma mera compreensão do próprio Paulo da vida em comunidade da consumação apocalíptica, de sua interpretação quanto a era escatológica e da aplicação da utopia igualitária para ser imediatamente iniciada.

O elemento salvação, emerge neste sentido como uma esperança aos oprimidos. Uma esperança que já se fazia presente, pois com a morte e ressurreição de Cristo, o projeto de Reino de Deus já estava presente e em ação no mundo. E esta presença e ação no mundo eram garantidas pelo Espírito⁴, que atuava numa transformação contínua dos que integravam as comunidades paulinas. Este processo teria se iniciado no passado, passava no presente na direção da futura consumação. Desta forma, a ação do Espírito era a certeza de que Cristo para além de filho de Deus era também o senhor do tempo (CROSSAN; REED:2007:162-163;224).

O projeto de Reino de Deus, desta maneira, defendia uma fé que girava em torno das componentes: aliança, não violência, justiça e paz. A paz no programa paulino era obtida não por meio de conquistas militares ou por defesa de território, porém por via da não violência e da aliança entre os cristãos das comunidades.

Isto implicava numa independência e autonomia das casas-igrejas com relação ao “mundo”, a consequência disto é que Paulo indicava que as divergências entre os membros da comunidade deveria ser resolvidas entre eles mesmos. Esta independência também era uma forma concreta, ao ver de Paulo, do distanciamento entre o império e suas comunidades. Além disso, é neste contexto que a liberdade era instaurada; uma liberdade sem violência e que ao mesmo tempo buscava se distanciar de tudo aquilo que aprisionava.

⁴ Em toda primeira epístola aos coríntios, Paulo realça as ações do Espírito. Espírito este encarado como um *daimon* que passa a habitar o indivíduo após o batismo. Era por este mesmo *daimon*, que se passava a certeza que todos estavam ligados ao patrono máximo. Pois era este que possibilitava a concretização do projeto de Reino de Deus. Ver: FITZMYER:2008:463-469.

Essa ideia se torna visível nos capítulos cinco e seis da primeira epístola aos coríntios, onde o tema é mais abertamente tratado. A nível de ilustração e por considerarmos chave ressaltamos a perícopa 1Cor 6:7-8:10:

7. De qualquer modo, já é para vós uma falta entre a existência de litígios entre vós. Por que não preferis, antes, padecer uma injustiça? Por que não deixais, antes, defraudar? 8. Entretanto, ao contrário, sois vós que cometeis injustiça e defraudais – e isto contra vossos irmãos! 9. Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem as pessoas de costumes infames, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus.

A passagem acima deixa claro que a comunidade de coríntio deveria ter um comportamento social completamente distinto, pois o Reino de Deus era apenas para aqueles que eram justos. Hosley (2011), diz que desta forma esta teologia defendia uma comunidade diametralmente oposta ao “mundo” (Império Romano); era uma comunidade de “santos” (casas-igrejas paulinas). Onde o nível de santidade era ditado a partir do comportamento, das relações sociais-éticas e da manutenção da justiça. A aplicação configurada desta teologia na comunidade de Corinto, Hosley chama de *sociedade alternativa*. Visto que, em sua primeira carta aos coríntios Paulo vislumbra um modelo de sociedade que se distância ideologicamente do modelo romano.

No entanto, o projeto paulino contavam com mais um componente para a sua propagação e extensão de oposição ao império. Este elemento eram as narrativas. Chevatarese (2011) nos afirma que era muito comum a apropriação de historietas – sempre adaptadas aos programas teológicos de seus autores – e à medida que estas historietas se inserem nas comunidades politeístas, estas ganham contornos marcadamente pedagógico. Neste sentido trabalha-se com a passagem 1Cor 12:12-25:

12. Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo. 13. Pois fomos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos temos bebido de um só Espírito. 14. O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos. 15. Se o pé disser: “mão eu não sou, logo não pertenço ao corpo”; nem por isso deixará de fazer parte do corpo. 16. E se a orelha disser: “olho eu não sou, logo não pertenço ao corpo”; nem por isso deixará de fazer parte do corpo. 17. Se o corpo todo fosse olho, onde

estaria a audição? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato? 18. Mas Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo sua vontade. 19. Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? 20. Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. 21. Não pode o olho dizer à mão: “não preciso de ti”; nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: “não preciso de vós”. 22. Pelo contrário, os membros do corpo que parecem menos dignos de honra do corpo são os que cercamos de maior honra, e nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com mais decência; 24. os que são decentes não precisam de tais cuidados. Mas Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, 25. a fim de que não haja divisão no corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte.

A partir do fragmento acima percebe-se que Paulo visa estruturar as casas igrejas, afirmando que apesar de distinguirem-se todos tem igual importância e que deveira haver ajuda mútua para a sobrevivência dos mesmos. Estariam subjugados apenas a Cristo que é a cabeça desta unidade. Desta forma, toma uma postura completamente contrária e anti-imperialista, ao passo que, rompe e se distancia do programa romano.

Chevitarese (2011), por intermédio do estudo de narrativas comparadas que circulavam na bacia mediterrânea⁵, afirma que o impacto deste conto era muito mais profundo. Dado que aos leitores e, principalmente, ouvintes desta leitura ao ouvirem e/ou lerem rapidamente tinham *insites*. *Insites* estes, ambientavam os mecanismos de propagação e perpetuação do movimento. Ou seja, os recursos empregados por serem próprios de uma herança cultural compartilhada coletivamente acabavam por facilitar ou tornar a aplicação do programa paulino mais pedagógico.

O que se constata neste sentido é que apesar de serem antagônicas, as teologias imperial e paulina eram consonantes na sua forma de interagir com seus clientes. Visto que, ambas se valem de elementos culturais próprios do ambiente em que se inserem. O Império permitindo que os cultos ao imperador fossem adaptados as realidade locais e Paulo ao se comunicar com suas comunidades utiliza alegorias próprias do meio politeísta.

Quanto a postura anti-imperialista; Fitzmyer (2008) afirma que o emprego de termos tais como *ekklēsia* (assembléia) e *archē* (reinado), além de serem próprios do ambiente helênico eram conceitos marcadamente em oposição a estrutura organizacional do Império Romano. A própria forma de Paulo se dirigir a

⁵ Tais como a narrativa de Tito Lívio quanto à relação do Senado para com o povo ou ainda a fábula de Esopo. Para mais detalhes ler: CHEVITARESE: 2011:79-99.

Cristo como senhor funcionava como uma oposição evidente ao senhor romano.

Esta oposição declarada na sociedade alternativa é o que Elliott (2001) chamou de *mensagem imperialista da cruz*. O autor privilegia a cruz, por entender que toda a mistagogia paulina perpassa no âmbito da cruz. Em outras palavras, a cruz é a alegoria máxima que sintetiza todo o programa paulino, seja ele quando e refere a uma clara contestação ao império seja quando ele lança os princípios que se constituem esta teologia.

Desta forma, a teologia paulina “é uma doutrina da justiça e da parcialidade de Deus com relação aos oprimidos” (ELLIOTT:2011:183). Onde, aquele que anseia estar e gozar de todos o benefícios do Reino de Deus deve sempre estar preocupado em se apartar do “mundo”. Para além, é claro, de reconhecer que o tempo do Reino de Deus só se faz presente por conta da morte do filho de Deus, Jesus. Sendo este o que do topo da pirâmide controla esta sociedade alternativa e tendo como emissário deste *euangelion*, Paulo.

V – O Espírito que nos une é o mesmo que nos separa:

Todavia, apesar do projeto de Reino de Deus se todo ele pensado como anti-imperialista. Na prática o que se observa é que este modelo não estava tão distante assim dos moldes romanos. Tal ideia fica explícita ao longo da carta, sempre que Paulo busca reforçar sua posição de apóstolo e de liderança na comunidade coríntia se valendo de distintas alegorias. Neste sentido, nesta última parte do artigo nos debruçaremos sobre a perícopes 1 Cor 12:27-31.

A primeira epístola aos coríntios quase que em sua totalidade é centrada em disputas e relações de poder existentes nas casas-igrejas de Corinto. A partir do capítulo doze o que se constata é que os dons do Espírito constituíam mais uma componente agregadora para as tensões nesta comunidade. Em 1Cor 12:27-31:

27. Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. 28. E aqueles que Deus estabeleceu na igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores... Vêm, a seguir, o dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas. 29. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos realizam milagres? 30. Todos têm o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam?

O fragmento acima nos permite perceber que Paulo toma um discurso contrário ao expresso em 1Cor 12:12-17.⁶ Onde este define que por intermédio do Espírito os membros das casas-igrejas constituíam “um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres”. Em outras palavras, o Espírito que igualava é o mesmo que cria hierarquizações por conta dos diferentes carismas provindo dele.

Boring (1982) sugere que as tensões entre Paulo e os membros da comunidade se centravam no fato de a compreensão de Paulo para estas questões do Espírito seguia a corrente das igrejas palestinas de tradição verotestamentária. Enquanto que seus clientes coríntios bebiam de uma compreensão provinda do mundo helênico. Acreditamos que a questão era muito mais complexa, pois ela perpassava diferentes âmbitos.

Sendo para nós o mais tocante – a nível do que se propõe este artigo – a questão da postura de Paulo frente a comunidade e de seu programa que previa uma sociedade de iguais. A começar pela constante preocupação em se apresentar como apóstolo e fundador das casas-igrejas de Corinto. O que dentro desta hierarquia expressa em 1Cor 12:27-31 o colocava do topo da pirâmide dos dons do Espírito. A justificativa para que os apóstolos ocupem tal posição é expressa em 1Cor 15:4-8:

4. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. 5. Apareceu a Cefas, e depois aos doze. 6. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram. 7. Posteriormente, apareceu a Tiago, e, depois, a todos os apóstolos. 8. Em último lugar, apareceu também a mim como a um abortivo.

Nesta perícope, Paulo legitima a autoridade dos apóstolos por via do testemunho ocular. Reparem que o testemunho é referente a experiência de Jesus ressuscitado. Desta forma, ele altera a memória sobre Jesus. Uma memória que anteriormente não estava presente – o fato de ele Paulo também ter visto Jesus após a sua ressurreição. Isto acabava por dar instrumentos de legitimação suficientes para que ele pudesse gozar de importantes prerrogativas que tal inserção na memória primária poderia lhe trazer: a autoridade na comunidade de Corinto (CHEVITARESE, 2011:33-34).

A grande questão é ao dizer que o ponto crucial de demarcação para o título de apóstolo é ter tido esta experiência com Jesus ressuscitado, Paulo acaba por abrir espaço para que outros indivíduos reividassem o direito de serem considerados apóstolos. Primeiramente, se Paulo teve de fato esta experiência nada impedia de que outros não tivessem ou não pudessem ter também.

⁶ Fragmento citado na página 8.

Por conseguinte ele cita que seu patrono teria aparecido a quinhentos irmãos. Mas quem seriam estes irmãos? Estes fatores davam igual autoridade a Apolo, Cefas, Cristo e a tantos outros que estivessem protestando pelo direito de serem apóstolos como Paulo. Inclui a grupo missionários que passassem pela comunidade. Desta forma, este discurso acaba por ser frágil, abrindo espaço para as rivalidades que são assinaladas por Paulo logo na abertura de sua carta (1Cor 1:10-16).

A tensão é ainda mais aprofundada quando se coloca frente a frente a proposta de Reino de Deus e a busca por Paulo para legitimar sua posição na comunidade. Pois, Paulo que se propõe como emissário de Cristo e toma como base uma ideologia igualitária. Ideologia esta que se distanciava da proposta imperial por prever uma sociedade de iguais. Todavia, quando vislumbramos a aplicação do projeto de Reino de Deus ele se apresenta também hierarquizado e empregando os mesmos elementos da relação patrono-cliente que estava presente no mundo romano, conforme se observou no primeiro capítulo desta monografia.

Esta postura paradoxal paulina levantou críticas não só quanto a sua autoridade bem como o direito de todos serem doutores, profetas e apóstolos. Bem como, as vias que possibilitavam para que o indivíduo gozasse de um desses títulos. Atrelado a estes fatores temos o fato de que a autoridade na comunidade coríntia também perpassava pelo reconhecimento local. Neste aspecto relembramos o conceito de honra e vergonha analisado no segundo capítulo. Isto significa dizer que o fato de Paulo reforçar o seu direito de autoridade nas casas-igrejas também estaria vinculado a ideia de que poderiam haver indivíduos que usufruíam de maior prestígio com relação a Paulo.

Assim, uma comunidade que tinha cerca de cem membros⁷ estava afundada em tensões. Tensões estas providas por rivalidades entre: (a) os senhores Augusto e Cristo e consequentemente seus respectivos clientes (na carta frisasse a existência de indivíduos proeminentes); (b) os que reclamavam pelo direito ao apostulado; (c) os que reivindicavam por diferentes títulos (profetas, apóstolos e doutores) no contexto das hierarquizações expostas por Paulo; (d) os que defendiam uma organização sem hierarquias, uma sociedade igualitária (THEISSEN: 1988:40-44).

Com isso, percebe-se que a o projeto de Reino de Deus pregado por Paulo tinha um duplo sentido. A nível ideológico o projeto era igualitário, desconsiderando qualquer distinção social-econômica e jurídica. Tendo como única categorização a

⁷ Estimativa feita por Murphy-O'Connor ao analisar a arqueologia das casas escavadas em Corinto. Ver: Murphy-O'Connor: 1983:178-182.

terminologia cristão. Inclusive, incluindo em sua plataforma política uma postura de distanciamento as práticas e estruturas do Império Romano.

Entretanto, a níveis práticos, o Reino de Deus se comportava de forma bastante análoga ao império. Se valendo de elementos próprios do mundo romano e criando hierarquias a partir dos dons do Espírito. E sendo estas práticas, utilizadas inclusive por Paulo ao se afirmar como apóstolo e responsável por propagar o *euangelion* de seu senhor Jesus.

VI – Conclusão:

No presente artigo, buscou-se compreender de que forma, a nível ideológico, o projeto teológico paulino rivalizava com o projeto romano. Verificando, Para isto, foi *mister* a definição do conceito de patronagem. Conceito este norteador para se pensar a questão, dado que a partir do mesmo é possível se pensar as relações traçadas tanto no Império Romano quanto na comunidade paulina. Assim, é uma ferramenta conceitual que nos é útil também para vislumbrar que a comunidade coríntia estava em pleno diálogo com o contexto em que se inseria.

Por conseguinte, foram apresentados brevemente ambos os modelos ideológicos e debateu-se quanto a aplicabilidade dos mesmos. O que se verificou é que apesar de serem antagônicos enquanto projetos, tanto o programa paulino quanto o romano se valiam de métodos análogos quando se pensa na aplicação destes. A aproximação entre as propostas ainda fica mais clara quando se observa a postura de Paulo frente à comunidade coríntia. Neste sentido, a análise da perícopes 1Cor 12:27-31 foi de extrema importância. Visto que, nesta passagem a alegoria Espírito é apresentada por Paulo como o meio que proporciona desigualdades na comunidade. Sendo este mesmo Espírito utilizado em outros momentos do documento como o fator que igualava os membros.

Neste sentido, além de se comparar os programas foi possível também se indicar uma das causas para as rivalidades que estavam ocorrendo no interior das casas-igrejas coríntias. Ou seja, o discurso contraditório de Paulo era um dos elementos fomentadores das disputas existentes.

VII - Bibliografia:

1. Fontes.

Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

2. Trabalhos Teóricos.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

WALLACE-HADRILL, Andrew. Patronage in Roman society: from republic to empire. In: WALLACE-HADRILL, Andrew. *Patronage in Ancient society*. New York: Routledge, 1989.

WOOLF, Greg; GARNSEY, Peter. Patronage of the rural poor in the Roman world. In: HADRILL, Wallace Andrew. *Patronage in Ancient society*. New York: Routledge, 1989.

3. Textos Específicos.

ALCOCK, Susan E. *Graecia Capta: the landscapes of Roman Greece*. New York: Cambridge University Press, 1993.

BORING, M. Eugene. *The continuing voice of Jesus: Christian prophecy and the gospel tradition*. Lousville: John Nox Press, 1982.

CHEVITARESE, André Leonardo. Entre Cícero e Paulo. Um brevíssimo ensaio sobre a epístola a Filemon. In: CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos. Questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Klínē, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo. Memória e história do relato da Ressurreição de Jesus em Paulo. In: CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos. Questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Klínē, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo. Narrativas mediterrânicas. A busca por uma metodologia. In: CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos. Questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Klínē, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, cristianismo, helenismo. Ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo*. Itu: Ottoni Editora, 2003.

CROSSAN, John D; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ELLIOTT, Neil. A mensagem antiimperialista da cruz. In: HORSLEY, Richard. Paulo e o império: *religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

ENGELS, Donald. *Roman Corinth: an alternative model for the classical city*. Chicago: University of the Chicago Press, 1990.

FITZMYER, Joseph A. *The Anchor Yale Bible: First Corinthians*. A New Translation with Introduction and Commentary. New Haven: Yale University Press, 2008.

HORSLEY, Richard. Paulo e o império: *religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

MITCHELL Margaret M. Gentile Christianity. In: MITCHELL Margaret M.; YOUNG, Frances M. *The Cambridge History of Christianity*. Volume 1: Origins to Constantine. New York: Cambridge University Press, 2008.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *St Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Good News Studies 6; Wilmington, DE: Glazier, 1983; 2nd revised and expanded edition, 1992; 3rd revised and expanded edition, 2002.

THEISSEN, Gerd. *The social setting of Pauline Christianity: essay on Corinth*. Oregon: Fortress Press, 1988.